

# UM MANIFESTO SOCIAL-DEMOCRATA: SUNKARA, Bhaskar. O Manifesto Socialista: em defesa da política radical numa era de extrema desigualdade. Tradução de Artur Renzo. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

Guilherme Howes Neto<sup>1</sup>

O texto em tela propõe em seu título uma defesa de uma política radical numa era de extrema desigualdade. Escrito por um norte americano, filho de imigrantes trinatário-tobagenses, crescido nos Estados Unidos, o texto está organizado em duas grandes Partes, precedido por um Prefácio (p. 09-11) preparado pelo próprio autor quando no lançamento da obra nos Estados Unidos no fim de 2018. O final do livro traz um Posfácio à edição brasileira (p. 257-263), redigido em novembro de 2020. Além de uma extensa lista de referências bibliográficas, o livro encerra com um índice remissivo.

Entre o prefácio e a primeira parte do livro consta também uma espécie de preâmbulo cujo título é “Um dia na vida de um cidadão socialista<sup>2</sup>” (p. 13-39). É um item curioso, pois o autor simula estar escrevendo para alguém que “está pegando um exemplar empoeirado em algum dia no futuro” (p. 13). Informa esse virtual leitor que o músico mais popular e mais aclamado pela crítica no presente é Jon Bon Jovi. A partir dessa informação, inicia um exercício de imaginação: inspirado no ensaio de Michael Welser<sup>3</sup> propõe refletir sobre como seria um dia qualquer na vida de um cidadão socialista, morando nos Estados Unidos. Uma primeira conclusão é a de que, por mais bem-sucedido [financeiramente] que um cidadão qualquer seja no modo de produção capitalista, isso em nada atenua o caráter inumano desse sistema. No entanto, na social-democracia sueca “há mais

---

<sup>1</sup> Graduado e mestre em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura em Sociologia), doutor em Educação e especialista em História do Brasil pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pesquisador da RedeMarx. Rede de Pesquisadores Marxistas e professor adjunto da Unipampa. E-mail: guilhermehowes@unipampa.edu.br

<sup>2</sup> Numerado como capítulo 1.

<sup>3</sup> “A day in the life os socialista Citizen”. Dissent, v. 15, n. 3, maio 1968, p. 243-7.

esferas desmercantilizadas” (p. 20), e nesses lugares de “economias planificadas” (p. 25) a vida é bem mais possível. “É um mundo transformado [por garantias públicas], onde a vida não é perfeita, mas milhões têm mais tempo livre e menos estresse” (p. 30).

Ao final desse preâmbulo o autor conclui que o “crescimento capitalista produziu maravilhas” (p. 34) na medida em que “tanto cria as precondições para o florescimento radical da humanidade quanto obstrui sua plena realização” (p. 35). Por isso, segundo Sunkara, a única saída é pelo socialismo, e o “que distingue a social-democracia do socialismo democrático não é simplesmente a convicção de se haveria ou não um lugar para a propriedade privada capitalista em uma sociedade justa, mas a forma pela qual se escolhe levar a cabo a luta por reformas” (p. 38). À partida, já se nota a tônica que predominará ao longo de todo o texto. Apreciações de cariz crítico negativo das experiências do dito Sorex<sup>4</sup>, e a favorável exaltação de experiências social-democratas de viés nitidamente reformistas.

A Parte I do livro está subdividida em sete capítulos. O primeiro deles<sup>5</sup>, denominado “Coveiros” (p. 43- 59), narra centralmente a nascente industrialização dos séculos XVIII e XIX e as compreensões desse processo movidas por Marx e Engels. É um item histórico sobre a gênese, o desenvolvimento, a consolidação e as profundas crises por que passou o capitalismo em seus três primeiros séculos de existência. Começa desmistificando o mito liberal de que o capital decorra de um processo inexorável. Ressalta que a partir de um “olhar mais detido sobre a ascensão do sistema revela outra coisa. Isto é, que foi um acidente” (p. 44). Além de histórico, é também um item atento à literatura teórico social marxiana/engelsiana<sup>6</sup> e marxista<sup>7</sup>. Relembra o cenário inglês como epicentro da Revolução Industrial, em especial Manchester, e a emergência de um proletariado urbano, pauperizado e em crescente organização. O item encerra, depois de narrar um histórico do socialismo proletário radical e suas interpretações pela literatura social, explicitando, de início, a tese central que será

---

<sup>4</sup> Socialismo realmente existente.

<sup>5</sup> Capítulo 2.

<sup>6</sup> Da própria autoria de Marx e Engels.

<sup>7</sup> Teoria Social que versa sobre os textos de Marx e Engels e seus divulgadores, detratores, comentadores, entre outros.

defendida até o final do livro: a social-democracia como a expressão mais genuína, histórica e contemporânea, do internacionalismo proletário e de um legítimo socialismo. O autor conclui nas duas últimas linhas que nenhum “movimento foi maior, mais influente ou mais leal aos fundadores do marxismo do que os sociais-democratas de sua terra natal” (p. 59).

Em “O futuro que perdemos” (p. 61-91) o escopo é de situar o leitor no socialismo pós-Marx e Engels. Transitam pelo texto toda uma primeira geração de marxistas que viveu entre o final do século XIX e o início do século XX. A avaliação do autor sobre esse tempo e, no início dele, a Segunda Internacional, é de que os “debates e as formas políticas que surgiram durante esse período moldaram a esquerda desde então” (p. 62). Muito valoroso, aqui, é o modo como Sunkara discorre sobre os debates e as disputas tanto no plano teórico ideológico, quanto no plano prático político e parlamentar. Bernstein e Kautsky ganham status de centralidade e figuram como, em especial este último, os responsáveis pela fusão entre marxismo e socialismo, entre a teoria social marxista e o “movimento mais amplo dos trabalhadores” (p. 70). Comparece também, nesse item, o debate entre Bernstein e Rosa Luxemburgo. Embora não o faça com juízo valorativo, o autor não se acanha em situar o leitor em relação a um certo revolucionarismo e radicalidade da última e o “revisionismo” de Bernstein “e o papel mais passivo que Kautsky reservava para o partido” (p. 74). Se o juízo valorativo não se deu expressamente no texto, ele pode ser auferido pelo quase silêncio em relação à Lenin e Trótski. Cada um deles aparece, residualmente, uma só vez nesse item do texto, aliás, na inversa proporção da relevância teórico-política que tiveram nesse recorte temporal.

Toda a aparente imparcialidade presente no item anterior desaparece por completo em “Os poucos que venceram”<sup>8</sup> (p. 91- 114). O texto começa tratando o socialismo revolucionário, o “bolchevismo”, como uma “catástrofe moral. Mas, mais do que isso, foi uma tragédia” (p. 91) afirma o autor. Em contraste a essa “história de fanatismo” (p. 91), o caminho da Revolução Russa, cooptada pelos bolcheviques, poderia ter sido outro, mais virtuoso, composto de “alternativas

---

<sup>8</sup> Seguramente, para o autor, os bolcheviques mais radicais.

mais humanas e democráticas no interior da tradição socialista, e estas só foram derrotadas à força” (p. 92).

O quadro geral pintado sobre Lenin é o de um radical intransigente e politicamente inábil, diferente do “interlocutor cordial e amistoso” (p. 93) como tivera sido Marx. Nada pode ser mais enganoso do que essa imagem. Ela tanto despreza os dados históricos que demonstram a aguçada visão estratégica do primeiro quanto desconhece o caráter cáustico e ferino como o qual o segundo disparava suas críticas aos interlocutores do seu tempo. Ao tempo que Sunkara compõe essa imagem desfavorável de Lenin absolve Kautsky da pecha negativa que substancial parte do marxismo fez cair sobre ele. O autor ainda acrescenta que a noção de Kautsky acerca da “ditadura do proletariado” era diferente “da de Lenin e de Trótski” (p. 95).

A um leitor desavisado, que não conhece os textos do debate original, restará a compreensão de que Kautsky era um visionário que “acreditava que os trabalhadores tinham condições de conquistar o poder por meio de eleições livres, ampliar as liberdades políticas e civis, e reformar radicalmente – não esmagar – o Estado existente” enquanto Lenin, com seus olhos voltados para o passado, “continuava procurando inspiração na Comuna de Paris de 1871, e nas grandes revoluções de 1848 e 1789” (p. 95). Nem mesmo nos movimentos historicamente nominados como o “grande ensaio geral” (p. 95) foi reconhecido o protagonismo leniniano, pois foi, segundo o autor, “Trótski, e não Lenin, quem mais brilhou em 1905”. Um dos mais contundentes textos de Lenin, “O Estado e a Revolução” é reduzido a um mero “debate com os reformistas”. Nominado como “um documento socialista libertário escrito pelo pai do autoritarismo socialista” (p. 101).

Nenhum radical é poupado. A cena de exclusão de Julius Martov e “outros mencheviques de esquerda” são narrados com sofisticada dramaticidade. Repreendidos por Trótski de forma mordaz, acusados de que seriam recolhidos à “lata de lixo da história”, Martov e seus camaradas vão se retirando quando são interpelados por um bolchevique decepcionado pelo fato de eles terem abandonado a revolução e buscarem vias de ação mais moderadas. Martov teria dito a esse radical que com o tempo ele compreenderia a dimensão do crime do qual estaria participando, ao excluí-los. Ele estaria certo. Vinte anos depois, Ivan

Akulov, esse bolchevique radical e intransigente que interpelar Martov, seria “assassinado em um expurgo stalinista” (p. 104).

Iluminando muito mais os erros do que os avanços da União Soviética sob o comando de Stalin, o autor conclui o capítulo deixando claro, mais uma vez, seu viés contrário às experiências do socialismo real. Lembra que a despeito do fato da “elite dominante” soviética não possuir “interesse nenhum em construir uma sociedade civil livre a partir da qual uma democracia socialista poderia ter brotado” (p. 112); como também do fato de “que um modelo construído a partir de erros e excessos, forjado nas piores condições” tenha se transformado em “sinônimo do ideal socialista” (p. 113); de que em decorrência disso tenha sido “associado com [um] autoritarismo sufocante e uma economia planificada cada vez mais esclerosada”; mesmo com todos esses revezes, por “todo o mundo, os movimentos comunistas, ao menos nas condições de oposição estiveram do lado certo das batalhas por direitos civis, justiça social e colonialismo”. E mais, ao “longo do século XX, muitas daquelas sociedades capitalistas se veriam transformadas por tentativas de oferecer doses de socialismo no interior do capitalismo”, no entanto, uma vez no poder, aqueles “movimentos comunistas” “instituíram novas formas de opressão” (p. 113).

O quinto capítulo do livro, “O deus que fracassou” (p. 115-138) trata do percurso histórico, do Ascenso ao debacle, do modelo social democrata de governo. De início, fica claro que a “social-democracia nunca chegou a atingir os objetivos ambicionados, mas as reformas que ela ensejou se provaram muito mais exitosas do que se esperava” (p. 115). A social-democracia do primeiro-ministro sueco Olof Palme é o ponto de partida e o ponto de chegada do capítulo. Aqui, o “Manifesto Socialista” que dá nome ao livro transfigura-se por completo em um manifesto social-democrata. O economista John Maynard Keynes é tratado como alguém que, à sua época, “forneceu a melhor receita para se domar o capitalismo” por meio de sua “revolução keynesiana” (p. 119).

A segunda metade do século XX assistiu tanto o “socialismo de estado quanto a social-democracia” (p. 136) entrarem em crise frente ao crescente neoliberalismo. Embora muitos governos ainda fossem sociais-democratas, “desde meados do século, eles haviam aberto mão da ambição de construir uma ordem para além do capitalismo, optando por administrar doses de socialismo no

seu interior”, agindo de forma muito mais cautelosa, “no máximo, combinando medidas redistributivas com ortodoxia econômica” (p.136). O item encerra refletindo sobre o futuro do socialismo, ancorado no texto de texto de Anthony Crosland, e a figuras de Jeremy Corbyn e Bernie Sanders<sup>9</sup> como centrais nesse virtual futuro.

Em “A revolução no Terceiro Mundo” (p. 139-167), lugar “onde os socialistas estiveram na linha de frente das lutas contra a opressão colonial e em prol do desenvolvimento nacional” (p. 138), o autor dá continuidade às suas ideias de que experiências reais de poder e governo estiveram sempre aquém daquilo que idealmente poderia ter-se tornado. No geral, no dito “Terceiro Mundo” a tônica das experiências reais de socialismo é de que sempre estiveram sujeitas “à dominação de pequenos grupos que visavam levar a cabo uma modernização de cima pra baixo” na “tentativa de compensar em ‘alguns anos’ um atraso de séculos” (p. 141). Grandes movimentos de massa, pelo menos assim reconhecidos pela historiografia, em especial a marxista, são narrados como governos que agiram “em nome dos oprimidos e não por meio deles”. Afastavam-se assim das antigas aspirações socialistas de representar a autodeterminação da classe trabalhadora.

É importante ressaltar também, nesse capítulo, a acurada análise que Sunkara elabora sobre “os anos terríveis de Mao” (p. 162). Por meio de uma extensa, variada e sólida bibliografia o autor gasta perto de vinte páginas, desde a página 141 até 163, para examinar o caso chinês. Ao final desse trecho, ponderando a experiência chinesa, parece apresentar o que compreende por socialismo, que é (...) valorizar e proteger direitos e liberdades, garantindo que as pessoas comuns não sejam apenas consultadas por meio de manifestações de massa, mas que, de fato, disponham de meios democráticos para fazer escolhas e responsabilizar seus líderes pelos seus atos (p. 163).

Na sequência, transitam de forma bastante breve pelo texto outras experiências socialistas: Afeganistão, Etiópia, Iemen do Sul. Menciona que importantes conquistas marxistas-leninistas, como nos casos de Angola,

---

<sup>9</sup> Lembrando que a redação do livro original em inglês foi concluída no final de 2018.

Moçambique, Vietnã e no Zimbábue, ao livrarem-se “do garrote de potências imperialistas” tiveram “custo bastante elevado” (p. 163). O caso da Tanzânia, simpático aos olhos dos socialistas sociais-democratas da Europa ocidental, com seu virtuoso “discurso de pan-africanismo” ainda “continua pobre e segue dependendo de ajuda externa” (p. 164). A pequena ilha caribenha de Granada, com a ajuda de Cuba, teve efêmera experiência socialista. O projeto de desenvolvimento que “promoveu reformas, especialmente na saúde, educação e direitos das mulheres”, findou com seu líder, Maurice Bishop, assassinado por “seus camaradas ultraesquerdistas” e a ocupação da ilha pelos estadunidenses. Chile e Nicarágua são apresentados como “experiências democráticas orientadas para o socialismo” assentadas sobre “um poderoso movimento da classe trabalhadora”, mas que sucumbiram, desde dentro, à “elites nacionais conservadoras” e externamente por “interferência estadunidense” (p. 164). Cuba figura como a “‘revolução de cima’ mais bem sucedida”, positiva em alguns aspectos, como suas “conquistas internacionais” a exemplo dos médicos cubanos, da interferência na derrota do *apartheid* sul-africano, mas cujo futuro “parece estar nas mãos de uma nova geração de burocratas estatais e interesses empresariais reemergentes” (p. 165).

O capítulo termina louvando, mais uma vez, o sueco Olof Palme<sup>10</sup> e sua agenda prático/moral de “transferência de recursos” do Norte Global para o Sul Global, perdendo dívidas dos países em desenvolvimento, na ajuda externa e no internacionalismo, criando um “mundo mais justo” que equalize as desigualdades históricas e econômicas. Para o autor, as esquerdas dos “países pobres” deveriam espelhar-se nos “países capitalistas avançados, com esquerdas vibrantes, como na Escandinávia” (p. 166).

“O socialismo e os Estados Unidos” (p. 170-197) é o tema do capítulo sete. Sunkara se propõe a contar nele a “longa e singular” história do socialismo nos Estados Unidos. Antes mesmo da Europa, já no “final da década de 1820, o país tinha dado origem aos primeiros partidos operários do mundo, em Boston, Nova York, Filadélfia e em outros lugares” (p. 170). A fundação da comunidade *New Harmony*, em 1827, no sudoeste de Indiana, pelo ex-industrial galês Robert Owen,

---

<sup>10</sup> Assassinado em 1986.



confirma ser os Estados Unidos “um terreno fértil para o socialismo utópico” (p. 170). Na sequência, a Guerra de Secessão é apresentada como uma “verdadeira Revolução Americana” (p. 171) ao expropriar três trilhões e meio de dólares em propriedades privadas para emancipar 4 milhões de escravos do Sul escravista.

Ao longo das duas dezenas de páginas seguintes o autor narra a história marcada por avanços e retrocessos, dos partidos e sindicatos de esquerda estadunidense. Começa pelos movimentos anarquistas e comunistas e a criação do primeiro Partido dos Trabalhadores, o *Socialist Labor Party* – SLP, no final do século XIX e na virada para o século XX a fundação do Partido Socialista dos Estados Unidos, em 1901. Os feitos de seu principal líder, Eugene V. Debs são apresentados com grande destaque, sobretudo aqueles no campo eleitoral.

Nos anos do Pós-guerra, a historicamente vicejante esquerda socialista norte americana já tinha se tornado uma sombra de si mesma. Fatores como a “ascensão do macarthismo” foram decisivos para a “desintegração dos velhos partidos da esquerda” (p. 194). Decorreu imediatamente disso uma nova onda de ativismo. Se antes a preocupação fora “organizar a classe trabalhadora em sindicatos industriais”, objetivo em larga medida conquistado, na segunda metade do século XX “o objetivo era forjar um novo casamento entre ativistas e intelectuais radicais, de um lado, e o movimento trabalhista, do outro” (p. 194).

As duas últimas páginas deste capítulo transparecem um tom de abordagem que passará a ser recorrente no decorrer de todo restante do livro: o de que o tempo todo o autor esforça-se em fazer crer que quanto mais moderação, tanto melhor! Toda vez que menciona um movimento radical, este é adjetivado de forma desabonadora e perigosa, caso se trate de um moderado, serão sempre adjetivados positivamente como agregadores e eficazes. Em referência às décadas de 1960/70/80 o autor contrasta “um anticomunismo feroz” a um “centro” formando “uma coalizão ampla e eficaz” ou um redentor “programa de reformas” (p. 196).

A conclusão do capítulo é também a conclusão da Primeira Parte do livro, talvez por essa razão, tão catártico na linguagem. O autor pondera ser interessante “criar uma estratégia eleitoral capaz de representar os interesses distintos dos trabalhadores”. Para tanto, “precisamos ampliar e democratizar o movimento radicalmente o movimento trabalhista, sem, no entanto, exigir que os trabalhadores deem um salto de fé e passem a apoiar incipientes ‘sindicatos



vermelhos” (p. 197). Parece ser o “salto de fé” um eufemismo para um processo radicalmente revolucionário e os “sindicatos vermelhos” os sectários intransigentes, nada confiáveis, totalmente inconvenientes aos interesses de um democrata moderado. Embora pessimista, Sunkara conclui depositando suas esperanças na “popularidade do socialista democrático Bernie Sanders” e seu “ativismo inspirador” (p. 197).

A breve Parte II do livro está subdividida em apenas três capítulos. O primeiro deles “O retorno” (p. 201-226) começa considerando todas as experiências socialistas do século XX como um “falso começo” (p. 201) e a proposta então seria uma volta, não aos valores originais do socialismo, mas “o retorno da economia keynesiana ao cenário nacional” (p. 206), um retorno a Keynes. O autor perpassa panoramicamente todas as transformações políticas e culturais, em especial as que se referem ao mundo do trabalho, e as crises econômicas da virada do século XX para as primeiras décadas deste século e conclui dizendo que “os socialistas podem angariar apoio popular construindo uma oposição plausível ancorada numa visão assumidamente de esquerda” (p. 225). No sentido de ir do discurso à prática, alerta Sunkara, “a esquerda precisa não apenas construir uma narrativa de oposição às elites econômicas, como saber conseguir vitórias reais que também ajudem a construir uma rede de instituições para enfrentar o capital” (p. 226).

Em tom propositivo, o autor redige o capítulo 9 “Como faremos para ganhar” (p. 227-249). Nele propõe um roteiro de 15 passos para que a luta pelo poder, em especial nos Estados Unidos, seja exitosa. Cioso de que “em nenhum lugar fomos capazes de romper decisivamente com o capitalismo e construir uma alternativa democrática” e, diante disso, o “desafio para os socialistas hoje é descobrir como transformar a raiva diante das consequências injustas do capitalismo em uma contestação do próprio sistema”. Tanto mais desafiadora torna-se essa tarefa quanto menos dispõem os socialistas contemporâneos dos “três ingredientes que foram necessários para quase todos os avanços socialistas dos últimos 15 anos: partidos de massa, uma base ativista e uma classe trabalhadora mobilizada” (p. 227). Ainda antes do roteiro, o jovem autor<sup>11</sup> nascido

---

<sup>11</sup> Portanto, concluiu o livro com menos de 30 anos de idade.

em junho de 1989, ressalta que precisamos de “partidos da classe trabalhadora e sindicatos que possam unificar as resistências dispersas” (p. 228) para criar uma efetiva alternativa socialista.

A seguir o roteiro tal como o autor enumera no texto: 1. A social-democracia da luta de classes não fecha caminhos para os radicais, ela os abre (p. 228); 2. A social-democracia da luta de classes tem potencial de vencer uma grande eleição nacional hoje (p. 229); 3. Ganhar uma eleição não é a mesma coisa que conquistar o poder (p. 230); 4. Eles farão de tudo para nos deter (p. 232); 5. Nossas demandas imediatas são bastante realizáveis; 6. Devemos passar rapidamente da social-democracia para o socialismo democrático (p. 233); 7. Precisamos de socialistas (p. 235); 8. A classe trabalhadora mudou nos últimos 150 anos – mas não tanto quanto pensamos (p. 236); 9. Os socialistas devem se incorporar nas lutas da classe trabalhadora (p. 238); 10. Não basta trabalhar junto com os sindicatos em prol de transformações progressistas. Precisamos travar batalhas democráticas no interior deles (p. 240); 11. Não basta termos uma rede mais solta de esquerdistas e trabalhadores de base. Precisamos de um partido político (p. 241); 12. Precisamos levar em conta as particularidades estadunidenses (p. 243); 13. Precisamos democratizar nossas instituições políticas (p. 245); 14. Nossa política deve ser universalista (p. 246); e, por fim, 15. A história é importante. Nesse último ponto do roteiro o autor reconhece que “é pouco provável que consigamos realizar nossos objetivos se não aprendermos com aqueles que marcharam, se organizaram e sonharam antes de nós” (p. 248). Resenhando o texto, tive a impressão de que, mesmo tão criticado pelo jovem autor, Lenin se sentiria orgulhoso de um programa tão claro sobre o “que fazer”. Mas talvez mudasse sua pergunta de 1901/02 e questionasse o jovem social-democrata sobre como fazer?

Em “Eu sei voar” (capítulo 10, p. 251-255) Sunkara apenas reafirma sua visão negativa sobre as experiências reais de socialismo e seu otimismo com “reformas e conquistas” (p. 251). Contrasta o “pesadelo do stalinismo” (p. 251), “os desastres [socialistas] do século XX” com a possibilidade do reformismo moral de um “socialismo democrático” (p. 253). Conclama a todos, abstrata e utopicamente, a “cantar A Internacional em esperanto” ao tempo que considera, concretamente, que o “socialismo sobreviveu a muitas coisas ao longo do último século. Sobreviveu à perseguição de tiranos e aos tiranos aos quais ele próprio deu

origem” (p. 254). O jovem autor, que em momento algum do texto mencionou qualquer relação concreta com alguma luta proletária que tanto exalta e diz admirar, termina reafirmando sua visão de “política socialista, compreendida de modo amplo” prospectando, que no futuro, possa “trilhar um curso mais moderado” (p. 254).

No último item do texto “Posfácio à edição brasileira” (p. 257-263), escrito em novembro de 2020, o autor apenas retoma elementos da sua argumentação apresentada no último capítulo da edição original. Contextualiza brevemente sobre a situação brasileira, afirmando que esta não se diferencia da “esquerda contemporânea no exterior” (p. 262) e encerra o livro dizendo que o “sujeito universal ao qual continuamos a apelar pode até existir, mas ele se encontra mais desorganizado do que nunca”. Certamente os velhos camaradas, nascidos em margens opostas do Reno, na primeira metade do século XIX, estariam do mesmo lado ao apontar que é o socialismo a única alternativa à barbárie do capital, ao passo que o erudito autor desse moderado manifesto acredita parecer “mais provável que seu algoz [do capital] venha a ser a barbárie climática e não o socialismo” (p. 263).

Por todas essas razões, considero a leitura do texto de Bhaskar Sunkara muito útil para compreensão do estado da arte sobre o tema do socialismo hoje no mundo. Uma excelente porta de entrada no tema, tão ampla quanto esclarecedora. A bibliografia fornecida nas notas de rodapé é de extrema validade para auxiliar uma revisão bibliográfica e um aprofundamento no tema, algo sempre extremamente necessário, em especial, no campo acadêmico. Lançado com grande animação por uma importante editora brasileira, a Boitempo Editorial, com sólida linha editorial à esquerda, o livro inequivocamente contribui e amplia o debate no campo progressista.